



CABEÇA DE TOURO

CABEÇA DE TOURO

Guilherme Dearo

RIO DE JANEIRO

2019



SUMÁRIO

AS PAISAGENS

- Porque as samambaias são mais sábias, 15
- Na paisagem de unhas sujas, 19
- Nas ruínas de uma praça em Argos, 21
- Nas velhas ruas da cidade havia lambe-lambes políticos, 25
- Amanhece numa grande cidade, 29
- Uma manhã tropical se inicia, 31
- À tarde, as alegrias fugazes dos homens, 33

AS BIOGRAFIAS

- Agora não se fala mais sobre o que restou de bom, 39
- O galo ao meio-dia murmura na cidade silenciada, 43
- Dirão que não ofenderam nenhum animal, 47
- Domingo, Praça Quinze, 49
- Nada além da limitada carne, 53
- Dois bêbados debatem às três e trinta, 59
- Nenhum alarde sobre os telhados, 63

OS CORPOS

O touro na cabeça, 67

Nas ladeiras, a sarabanda tem pressa e vira à esquerda, 71

Corpos sujos, 75

E não era com a própria boca que se ria, 77

Vim ao mundo de verdade. O medo, antes, 79

O chifre do touro no céu da boca, 83

Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser

Sophia de Mello Breyner Andresen

(...) dar a estocada nas condições requeridas implica, por exemplo, que ele coloque seu corpo, durante um tempo apreciável, ao alcance dos chifres

Michel Leiris

Como será meu redentor?, pergunto-me. Será um touro ou um homem? Será talvez um touro com rosto de homem? Ou será como eu?

Jorge Luis Borges

EXEMPLO DE DEDICATÓRIA

Em 1999, após décadas em processo, o artista conceitual japonês On Kawara finalizou seu projeto Um Milhão de Anos. Na primeira parte, iniciada nos anos 1960, Um Milhão de Anos (Passado), ele abriu um livro-caixa e começou a anotar nas folhas cada ano, de 998.031 a.C. até 1969 d.C. O trabalho tomou mais de dez volumes ao final. Ele dedicou o trabalho “A todos aqueles que viveram e morreram”. Em 1981, ele iniciou a segunda parte, Um Milhão de Anos (Futuro), anotando em novas folhas cada ano da humanidade, de 1993 d.C. até 1.001.992 d.C. Este ele dedicou “Ao último homem”.

A DEDICATÓRIA DESTE LIVRO

*aos meus avós,
Antonia, Antonieta, Alonso, Augusto*

PRIMEIRO ATO:

AS PAISAGENS

PORQUE AS SAMAMBAIAS SÃO MAIS SÁBIAS

Veja a palmeira balançando suas garras
em abnegação selvagem. E veja

sua postura fiel e seus valores
pois silencia e permanece sob
um céu volátil e ignorado mas
firme sobre a terra. Sabe que

passará e entende
o que não enxerga.

Em movimento se solta
ao que lhe sopra aceita
seus membros estoicos
obedientes à dança natural.

E ela mesma sopra
sobre nossas faces
nos braços duros
nas pernas gordas
a paisagem perene.

Estática sabiamente
parada enraíza sua história
em sulcos profundos

eternamente ligada à terra
sólida construção edificada maleável.

E sopra a pergunta: quem chegou
primeiro quem mais pisa aqui e
dança e segue o vento sem maiores
questionamentos.

E continua a ser fiel.
E continua a silenciar

até o último de seus dias balança
suas garras na despedida de todos
nós
matéria frágil e dura.

NA PAISAGEM DE UNHAS SUJAS

larga a bicicleta
para agradecer a terra
por mantê-lo firme.

abraça e pede perdão pela displicência
das pedaladas soberbas e velozes.

aperta-a contra o peito para reconhecer
sua solidez tão
perene e livre de preconceitos.

como é bondosa por nos dar a consistência
do caminho.

não questiona como as rodas giram ou como
as pernas trabalham no vento ameno.

como tão colossal nada diz e
deixa que girem lubrificadas?

como tão lisa e roxa se curva e nos dá todas
as condições para seguir em frente?

que a pedra me arremesse de dentes na lama
e eu possa contemplar largado aqui
uma ou duas certezas da vida.

NAS RUÍNAS DE UMA PRAÇA EM ARGOS

O vento fede.

O vento fede e é pesado.

São moscas:

o vento zumbe voa fede e
pousa.

O vento sopra as bandeiras.

No meio-pau há meia-bandeira:

A bandeira é uma orgia democrática.
ternos se reencontram
nas mãos brancas e covardes
narizes sentem cheiros

as moscas pousam.

As moscas são esqueléticas. Os esqueletos infestam.

São feios andam em fila pedem perdão.
Choram esquecimento e perdão.
Comem do seu prato e do seu corpo.

O corpo é mole e fedido.
babam sedentos por colo
lambem suas coxas consoladoras
raspam seus pratos duas refeições/dia

– só querem a receita e um carinho.

Deitam ao seu lado roçam
os sexos patéticos à prova:
por uma noite a mais se põem gentis
e amorosas.

O amor de uma mosca. Uma mosca é uma chantagem.
Amam e
lembram a própria podridão

querem uma carne arisca e vadia
querem um odor corporal e vulgar
querem uma vingança uma punição
querem sua vergonha de joelhos
pedem conselho uma humildade
abraço sincero.

O abraço é quente. Quente é o vento.

Abraços são seis patas de mosca:

Voltam anualmente
Ou de três em três décadas
Enganam
O vento oeste sopra cheiros
Cedo ou tarde moscas
Quando menos pensar
São moscas.

NAS VELHAS RUAS DA CIDADE HAVIA LAMBE-LAMBES
POLÍTICOS

I

O sol e dez sombras
uma luz outonal
uma pepsi um cacto
uma iguana mexicana

Pelas ruelas uma multidão em festa de tradição local cheia
[de fritura

Nos escombros turistas de bermuda cáqui uma leica na
[mão um manual na outra
Nas igrejas um afresco mal retocado uma perna de cera
[velha uma senhora exigente

Placas metálicas falam nomes de heróis
Ruas desertas contam histórias de homens vencidos

Cena:

Um menino segue um
violino que segue um
cachorro que lambe um
homem e cantam cerimoniais:

Homens resistem intactos
ainda que resquícios
ainda que buracos
ainda que pedaços
resistem intactos

Do outro lado da cidade
sem metrô e postal
uma guerrilha juvenil urbana encena ionesco depois
[acende um parlament
depois lembra maiakóvski depois rebola depois vinho dez
[reais etc.

II

Todos os caminhos dão em uma única
estátua central onde todos devem se agachar
O chão é marcado
primeiro em linha reta os passos
depois dois círculos idênticos os joelhos

Plantas selvagens em novembro
cercam as casas
dispensam muros altos
produzem bons chás amargos

Uma lista afixada na porta de madeira
com alguns milhares de nomes porque esquecem
sempre os nomes:

é preciso saber ler e ir à placa conferi-la.

A escola traz carteiras perfeitamente enfileiradas
é assombrada e ninguém mais dá aulas:

ainda é possível ouvir em algumas noites
presente! presente! presente!

estudantes assíduos continuam a frequentá-la
e quando faltam por motivo de força maior

outros respondem por eles: presente!

AMANHECE NUMA GRANDE CIDADE

uma vez mais a rua segura
limpa lisa reta
e segura

uma vez mais o terno de linho
bom e bem cortado
no homem bondoso
de valores sólidos
e crenças fartas

as sirenes alertas
as rádios clássicas
as missas cronometradas
as frases de efeito

os torsos nus
os braços sem mãos
os coitos públicos
os cobertores usados

e uma vez mais o sonho
de ser uma vez mais
a suprema manifestação

uma vez mais persistir
e, um dia, triunfar

UMA MANHÃ TROPICAL SE INICIA

na praça se acumulam
esperam
palavras e ordens

(têm marcado de giz branco
suas costas e blazers)

andam sempre com uma mão
recolhida atrás do corpo
não abrem ou oferecem

mas dão breves tapas
nas costas dos companheiros
mais queridos

ali contam-se os homens
recolhem-se as mulheres
junto com os animais
outros objetos de valor:

espera-se deles o suor
e a hipocrisia
delas as pernas rotundas
e abertas
planejam apenas
breves riscos no chão:
não há muros e portas
são homens inteiros
sem ressalvas
e desentendimentos:

não esperam que haja
segredos e privacidades
entre sentimentos
puros de justiça e progresso.

À TARDE, AS ALEGRIAS FUGAZES DOS HOMENS

em fim de maio, um crepúsculo frio
destino e despedida:

de um lado sentam homens de calças
exuberantes

do outro sentam mulheres de lenços
cerimoniosas

as mãos se separam: são suas
obrigações

as mulheres veem o jogo, sombras
fogueira, movimentos fantasmagóricos

aos homens, o privilégio do imediato
o vigor cru da não-representação

eles observam de perto os artistas
seus corpos suas madeiras seus bonecos
as artimanhas as deixas os modos
as mãos peludas
as costas culpadas
os rostos cansados
os olhos planos e fixos
sentem cheiros salientes

às mulheres resta calor e luz
o precioso jogo de mimos e cantos
sons das profundezas da caverna
pré-platônica
fascinam mas não ameaçam

aos homens restam as bocas podres e abertas
imitações estridentes

do canto poético de mau hálito
maquiavélico.

a história passa diante deles:
são promessas vagas.

metade da plateia aplaude e chora
outra metade agachada contempla

diante da crueza da verdade
ambos sentem
estar vivos

a pele delata
a dura lembrança

SEGUNDO ATO:

AS BIOGRAFIAS

AGORA NÃO SE FALA MAIS SOBRE O QUE RESTOU DE BOM

como quem some diz
sempre a última palavra
palavra que não era
para ser a última

– mas era importante –

(daí a incontável
vontade de
achar um aviso
uma epifania um
futuro o fim)

vem tresloucada
a necessidade de
procurar ponto final
vidência não-charlatanesca
destino dramático temeroso
despedida bonita doída
(daí uns poucos dizeres
serem lápide choro samba
e vela)

mas sendo premonitório
com consciência ou coincidência
há de se ouvir que
os becos guardam ciladas
as palavras são fins
e não justificam os meios
dos outros
— torpes e mortos —

deus é testemunha
que lhe pediram para
salvar essa casa
santa
mas no barraco
televisonado
as expectativas
diminuem e pede-se
no mínimo que resguarde

um pouco para
mais tarde

agora tudo é transparente
(não vou falar das máscaras
que já não mascaram)

quem tiver o que dizer
se cale agora ou
fale para sempre

(está vetada
a boa educação
anulada
a ponderância
morta a aula
de temperança
excluída do
dicionário
a esperança)

O GALO AO MEIO-DIA MURMURA NA CIDADE SILENCIADA

As pernas afoitas os mijos os filhos
murcham piedosos

os velhos recolhem-se às casas
saudosos

os netos suspiram
putos pobres dissimulados

(agora juntam moedas para a sessão das dez):

as línguas deram lugar às ladainhas
salivas de livramento do segundo
círculo do inferno secaram e regem
missas e os terços se enroscam nos
pescoços das mulheres os homens
abusados jurando amores fáceis
como jumentos servis lavam as
miçangas cruces penitências as
tarologias e os cristais messiânicos

os guias que antes apaziguavam
brigas e metiam mãos tácitas
nas bundas nuas agora só
querem meter no bolso uma esmola
comer do prato de comida um terço
e para isso voltam às aulas de história
de heróis revisados e dados duvidosos

nas ladeiras duras e cinzas da cidade
silenciada

antes macias como carne fresca
agora escorregadias de nostalgia
e da falta do que fazer

ele tenta pisar criança engatinhando
desbravar com facão o mato

atrás da cidade que um dia
lhe deu esmeraldas e seios
depois bateu a saudade de casa
voltou à civilização
cujos temperos e umidades
fizeram-lhe sonhar feito bom
selvagem e desejar tudo de novo:

mosquitos malária água gelada
as três horas de sono as morenas
vísceras

veio só pegar o pedaço do braço
que deixou ali como sacrifício
os músculos dele todos eles
não dos deuses da putaria
só pegar
e limpar os beiços

DIRÃO QUE NÃO OFENDERAM NENHUM ANIMAL

Quando soarem os longos alarmes e eles souberem
que não há tempo a perder

a vida será urgente – alarmes!

respondendo ao chamado dirão
que foram bons amantes não deixaram de fazer gozar
que fizeram as perguntas que deviam aos mais velhos
não se preocuparam tanto não trabalharam quarenta horas

não deixaram de tomar sol de tomar umas pingas e um ar
não foram cínicos ou grosseiros ou mesquinhos ou
[impiedosos
tiveram um cão deram água à planta jejuaram algumas vezes.

Assim poderão respirar aliviados mentirosos
dizer ufa! deu tempo deu muito tempo sim
deu tempo de sorrir por palavras finais belas e definitivas.

DOMINGO, PRAÇA QUINZE

Na praça onde
as paixões vêm numeradas
as ambições medem 2x2
e as vocações têm cessão
de direitos.

Uns passos à frente
na via pavimentada
o mar negro
um museu que fala do futuro

e tem vergonha do passado
as algas nunca esquecem.

Na Glória sorriem
gentis e corajosos
ignorantes e perfumados
não pensam
na eternidade.

Não há ambição na vida
a não ser chegar
ao fim do dia inteiro
deitar na cama suado
ser automação da aurora
da rotação terrestre.

O quintal modernista
está cheio de corpos
e boas intenções

as boas intenções
são plantas
os corpos são pedras.

Numa manhã de domingo
ligue o rádio
sinta o drama:

louvar a vida repetida
louvar a luta e a terra
louvar a luta contra a terra.

Ambições com desdém
resolve-se no murro

troca-se
fama e fortuna
por um amor
no Carnaval.

NADA ALÉM DA LIMITADA CARNE

I

Quando for para lembrar por que
se é e se está e por que tanto respira
levante quando os vasos estiverem caídos
leia os cimentos quando estiverem marcados
limpe a poeira quando a terra for muita

E quando a carne for fresca
e as moscas muitas

e as flores frescas
e as moscas muitas

E quando as moscas forem frescas
e a maçã na boca fresca
e a cidade, podre, muita

E quando o amor for fresco
e as flores, de plástico, poucas

E quando as asas baterem na boca
na narina no ouvido e zunirem muitas

e as palavras ainda tiverem um humilde significado:

lembre-se dos nomes com dignidade
lembre-se em festa dos nomes
que permanecem com dignidade
diga em voz alta os nomes
com dignidade.

II

somos a passagem das aves migratórias
somos a crueldade plantada profunda
somos as forças diárias resistentes e nulas
cada barco e porto cada festa e gozo
cada parto e cada amor

somos a crueldade que veio antes de nós
cada berro animalesco cruz e espada
que nada sabemos e tudo pagamos

somos servos de cada morto e cada morte
toda última luta e dança e fala cerimoniosa
cada corpo e inseto que não poupamos

para nos revelar a beleza
cobram ousadia
falam por nós e nos exigem
prontidão

III

Acredite em caminhar sozinho
se chegou sozinho ao mundo
sozinho partirá.

Estará sozinho no fim da estrada
e sua mala vazia será sozinha
e o seu sexo será sozinho
e sua barriga será sozinha
e seu pé empoeirado será sozinho
e o cigarro será último e sozinho.

A viagem será só
o solo será só e
somente um sol
só uma carona
e uma piedade
sozinha.

A palavra será única
e o entendimento menos que isso.

Suas explicações você dará sozinho
suas justificativas
serão poucas e sozinhas.

Medirá o tempo
pelo olho sozinho
de lágrima sozinha
e pela boca beijada
sozinha
e pelo corpo sozinho
tudo ajambrado
em medidas
cruéis e sozinhas.

Assim terá sua verdade
única e sozinha.

Assim caminhará
na companhia dos homens
e mulheres
corajosos fracos e
sozinhos.

DOIS BÊBADOS DEBATEM ÀS TRÊS E TRINTA

I

se o que se é seja ficar só ficar observar
das primeiras geleiras à reunificação da pangeia

se o que se é seja não falar nada não mover ficar
humilde e agradecer calado bons ventos que passam

ser sábio ser inteiro presente eterna consciência
que os que correm atrasados não podem ter

e se o que se é não existe como pergunta seja
entender consolar nos braços chorar um pouco

II

se fosse todos os outros fosse ficar nu fosse uma beleza
[particular
não o grosso catálogo *fashion nude* o filtro *classic* a abstração
[fascista

se tivesse uma boa desculpa uma boa cama para deitar
[pelado amar
entrelaçar esquecer no próprio corpo que já não se
[aguenta e range

e se for o abismo fútil da impossibilidade de ser ambos
precisar escolher quem não se quer ser ainda que gentis
[nos chamem

III

querer ser o outro domar o outro
ser limite e molde
ser criatura inteira
ser alteridade e ser absoluto
o todo à imagem de tudo
só existir quando for tudo antes

daí vir o amor
e a guerra
as tragédias
o casamento
grandes danças
grandes noites

a única coisa para ser: o corpo
e a ordem, todos os outros corpos
já foram corpos já nos deixaram
hoje são limites e palavras e

trazem regras que devem ser respeitadas
como um semáforo

NENHUM ALARDE SOBRE OS TELHADOS

Em um breve domingo
me vejo na esquina
corpo reto no farol
que cruza o caminho
e pega o trem matinal
cheio e determinado.

Um passo
é um passo

dos destinos inéditos
dos desejos humildes e dignos
dos pequenos gestos altruístas
dos amores mais profundos
e verdadeiros.

atrás de outro passo

dos sinais cósmicos
das mensagens cifradas
das impressões digitais.

Sonho o meu sonho único
de um milhão de homens.

E assim me carrego
um lugar qualquer.

TERCEIRO ATO: OS CORPOS

O TOURO NA CABEÇA

Lembrar sempre
de acrescentar
uma sombra de chifre
na vidinha certa

dar vantagem
mostrar uma carne
cuspir um dente
mancar um pouco:

ter o cu à mão
ilusões postas
terreno desfeito
amor solapado

viver na dança
nos rituais de
acasalamento:

agarrar a vida pelo chifre
escapar na última hora
oferecer o ventre
triscar o lombo
derramar uma gota:
bebê-la direta do colo
do animal que lhe monta

provocar e chorar
estocar e alçar voo

lembrar sempre
da sombra do touro
de ponta-cabeça:

na hora h
vamos ver

agora ou nunca
vai ou racha:

tudo a perder
tudo a desvendar

úmida fenda
que oferece os
segredos da felicidade

chifre-a-chifre:
alisar o pelo
lascar um beijo

NAS LADEIRAS, A SARABANDA TEM PRESSA E VIRA
À ESQUERDA

Como percorrem infinitos
glóbulos vermelhos e brancos

assim são os dançarinos
de bundas desavergonhadas
que deslizam inebriados
em véu colorido e serpentina
nus esguios melados ateus

pelas vielas tombadas
apertadas

bêbados tropeçam nas vãs tentativas
de amor:

tentam ir e vir

atrás do coração vermelho
das batidas de maracatu
das contas com o passado

do ritmo terno
do bom lar

dos pedaços charque
do carmo ao desamparo

pedem misericórdia
pedem destilações
pedem abrigos
em mosteiros

Quando chegam as cinzas
renascem pensativos e lentos
profundos quilômetros distantes:

mais pesarosos e românticos
menos urgentes e vis

buscam em outra são bento
de novo o bom tambor
o bom abrigo

de novo amor
guerrilha urbana
boca doce
cut axé
canela coxa
corpo a corpo
apertado correto
tudo de novo.

CORPOS SUJOS

Os cantos assombrados da cidade
guardam seus fantasmas que
levantam sombrios e esguios
os copos sujos em homenagem
aos corpos que nunca existiram
aos torturadores laureados
às viagens à praia
e os ouvidos esquisitos esquecidos
escutam vozes pedintes
gritam nomes por uma memória

mantras de uma religião
ouvem a vitrola correm
atrás do vinil riscado volume um e dois
do show de opinião da verdade da televisão
assim os corpos animados e bem vivos
jovens gostosos suados bêbados
se apertam numa saleta no fim da rua
para ouvir roda-viva e
tudo o que a filha gosta
levantam seus copos sujos
ao futuro ao fim das chateações
das buscas pela verdade
somente as belas comissões de frente
do frentista da ONU

E NÃO ERA COM A PRÓPRIA BOCA QUE SE RIA

Ouçã!
as juntas estourando
as fibras maculadas
os tendões disformes:

é o homem
virando do avesso
remexendo os mortos
reescrevendo éticas

Ouçã!

as vozes cada vez mais próximas
o som do grotesco avesso
os gritos dilacerantes

são os homens
suas vozes
empurrando-nos
para mais perto das bombas

mais perto
mais perto

o homem era avesso
o avesso virou pele
a pele virou avesso
quiseram esconder
o que oculto sempre foi
para propósitos abjetos

há algo de proibido
no mau hálito de cada bom homem

Ouçã!

eles querem todos falar
mandar à merda
dar bons conselhos
serem apenas honestos

VIM AO MUNDO DE VERDADE. O MEDO, ANTES

pediu que esperasse,
o susto
porque havia fila
os amores não andam soltos

a morte,
antes
porque os afoitos
se esparramavam frios

o medo, antes
porque viver não é tão bom
os beijos são
superestimados
a coragem
não tem cotação

o mundo
não resiste trinta segundos

vim ao mundo de verdade
antes
todas as outras
tentativas

vim ao mundo
de verdade antes
não havia nada:
sou o primeiro

vim
ao mundo de verdade
antes o medo
e a mão leve

vim e o medo, nada
se conformar, vim

de verdade o medo
veio-nos e disse
não

antes, dizer sim

ao mundo digo sim
não, o medo
medo, antes:
vim e digo sim.

O CHIFRE DO TOURO NO CÉU DA BOCA

Sentam ao nosso lado

as bombas

feras famintas

Nos metem garganta abaixo

o destino cruel

dos homens nus

Aos heróis atrasados

pouco condecorados

distribuem medalhas

Ao povo que

não entendeu nada
curram mais bondade
e combate

Enterramos suas cabeças

na terra
num só golpe

Continuam a mirar

piedosos
escondem as patas
nunca vazias

Nossos corpos indestrutíveis

só sentem fome e
luxúria
mas vamos dizer sentimos toda a humanidade
e exaltamos a piedade e o povo

Nossos estômagos redondos

só querem álcool e
carinho
mas vamos dizer sonhamos expectativas
e revoluções justas

E os chifres nos roçam

lentamente

e querem que renunciemos.

ÚLTIMO ATO: NOTAS E AGRADECIMENTOS

A primeira epígrafe deste livro, de Sophia de Mello Breyner Andresen, vem de sua fala de 11 de julho de 1964, proferida na entrega do Grande Prémio de Poesia, e publicada em *Coral e outros poemas* (Companhia das Letras, 2018).

A segunda epígrafe deste livro traz trecho do livro *A idade viril*, de Michel Leiris (Cosac Naify, 2003), em tradução de Paulo Neves.

A terceira epígrafe deste livro foi retirada do conto “A casa de Astérion”, de Jorge Luis Borges, presente em *O Aleph* (Companhia das Letras, 2008), traduzido por Davi Arri-gucci Jr.

O título do poema “Uma manhã tropical se inicia” é referência direta a verso da canção-manifesto Geleia Geral, de Torquato Neto e Gilberto Gil.

O título do poema “À tarde, as alegrias fugazes dos homens” foi inspirado em trecho de *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, segundo tradução de Vanessa Barbara (Penguin Companhia, 2017).

Pelas leituras, críticas, edições, aulas e inspirações: Angélica Freitas, Duda Ferraz, Felipe Moretti, Marcelino Freire, Juliana Travassos, Rita de Podestá, meus pais, minha irmã, família e amigos.

 2019 Guilherme Dearo

edição e revisão
juliana travassos
gabriel pelluso

projeto gráfico e diagramação
juliana travassos

arte de capa
técnica mista sobre papel | william galdino

D285 Dearo, Guilherme.
Cabeça de Touro / Guilherme Dearo. — Rio de
Janeiro : edições garupa, 2019.
84 p.

ISBN 978-85-5986-025-2.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.1

Bibliotecária responsável: Andréia dos Santos Martins CRB-7/6192

GARUPA

rua acre, 77 – sala 705 – centro, rio de janeiro

20081-000

leiagarupa.com

facebook.com/garupaedicoes

instagram.com/garupaedicoes

O miolo de *Cabeça de touro* foi composto em Bembo, adaptação moderna de tipo móvel desenhado por Francesco Griffo e usado pela primeira vez em livro de viagem de 1496. Sua capa, fazendo contraste, foi composta em Monarkbold, tipo deste século XXI. O livro foi impresso no Rio de Janeiro, em Benfica, na WSM Gráfica. Cada exemplar acompanha um pôster.

Tiragem de 1000 exemplares.

CABEÇA DE TOURO

GUILHERME
DEARO

ESSE PROJETO FOI REALIZADO COM APOIO
DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
- 2ª EDIÇÃO DO EDITAL DE PUBLICAÇÃO
DE LIVROS NA CIDADE DE SÃO PAULO

 EDITAL
LIVROS



CIDADE DE
SÃO PAULO
CULTURA